



RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COM TRABALHADORES DE UMA EMPRESATERCEIRIZADA DA UEPB

Maria Fernanda Sousa Lima ¹
Catarina Viana Mota ²
Sara Iasmin Ramalho dos Santos ³
Maria do Socorro Moura Montenegro ⁴

RESUMO

O cenário educacional brasileiro ainda é falho, apresentando um elevado índice de analfabetismo entre os jovens e adultos, tornando essa problemática de grande relevância social e de responsabilidade das instituições educacionais. Sabendo que a educação de jovens e adultos é voltada para pessoas que não conseguiram concluir o ensino regular na idade correta e que é responsabilidade dos sistemas de ensino fornecerem gratuitamente condições e oportunidades dignas de aprendizagem, pensando principalmente na vivência de cada indivíduo e percebendo a dificuldade de leitura, escrita e comunicação que alguns funcionários da UEPB apresentavam, as alunas do curso de pedagogia da instituição, juntamente com a professora de Alfabetização e letramento iniciaram um curso de extensão com a proposta de alfabetizar e letrar os prestadores de serviço. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada pelas alunas no curso voltado para a alfabetização de três funcionários do serviço geral da central acadêmica Paulo Freire. Sendo assim, o trabalho irá apresentar algumas dificuldades expostas pelos alunos, como também os meios didático pedagógicos que contribuíram significativamente para o processo de ensino e aprendizagem dos mesmos, sendo possível, desconstruir o medo de errar desses adultos e superar o preconceito limitador imposto pela sociedade diante da faixa etária apresentada. Para isso, nos baseamos no método de alfabetização de Paulo Freire e Magda Soares

Palavras-chave: Alfabetização; Jovens e Adultos; Experiência

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, maria.fernanda.lima@aluno.uepb.edu.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, catarina.mota@aluno.uepb.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, sara.santos@aluno.uepb.edu.br;

⁴ Professora Orientadora: Doutora em Linguística (UFCG). Mestre em Educação (UNICAMP-SP). Professora efetiva Departamento de Educação/UEPB/Campus I. Membro do GEPEP - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Educação e Pós-Modernidade, socorromontenegro@servidor.uepb.edu.br;

Introdução

A alfabetização e o letramento são processos de aprendizagem da língua que têm

grande importância, visto que possibilitam que os alunos consigam se expressar e comunicar-se no ambiente em que estão inseridos. Entretanto, apesar desses processos se complementarem os mesmos possuem diferenças significativas, nesse sentido, o processo de alfabetização consiste na aprendizagem do alfabeto em que se é desenvolvido habilidade de leitura e escrita, já o letramento é o processo em que os alunos são capazes de utilizar a leitura e escrita de forma social e consciente, nesse sentido, ele vai além de apenas codificar letras e números, trata-se de compreender e interpretar a língua em seus diversos contextos e formas, possibilitando que o aluno atue socialmente.

Nessa perspectiva para desenvolvermos um trabalho de alfabetização e letramento positivo para os alunos que fazem parte do projeto de extensão, foi necessário, que nós futuras pedagogas, a princípio, conhecêssemos e entendêssemos um pouco da realidade e o contexto de cada aluno. Sendo assim, esse projeto tem ao total 4 alunos, composto por três homens e uma mulher, na faixa etária entre 40 e 60 anos. Segundo os relatos, alguns deles tiveram que abdicar dos estudos para trabalhar devido às condições financeiras precárias de suas famílias, outros devido à descrença dos pais diante dos benefícios da educação e também pelas dificuldades de acesso na época, entretanto, mesmo com o passar dos anos todos tinham algo forte e bonito em comum, a vontade de aprender. Após esse primeiro contato, analisamos por meio de atividades os níveis de leitura e escrita de cada um, esse segundo momento foi crucial, pois através dele que conseguimos buscar os melhores conteúdos e metodologias para ensinar cada aluno de acordo com sua especificidade.

Ao longo do artigo, faremos uma análise sobre o processo de aprendizagem do indivíduo frequentador do EJA, o que o permite aprender, o que o motiva, e o que torna a educação uma realidade transformadora. A partir disso, o processo de desenvolvimento do aluno será investigado com base no método de Emília Ferreiro. No qual nos dará propriedade para diferenciar os níveis de leitura e escrita.

Diante dessa prática e esse contato direto com o processo de Alfabetização e Letramento, compreendemos que para uma aprendizagem significativa é preciso que o professor domine o conteúdo, reflita sobre sua prática, tenha um olhar atento para seus alunos e busque sempre novos conhecimentos, como também, novas formas de ensinar. A vista disso, essa experiência possibilitou com que colocássemos em prática os diversos conhecimentos e as teorias de tudo que aprendemos no curso de pedagogia, mais especificamente no componente de Ensino de Língua Portuguesa e Alfabetização e

Letramento. Portanto, essa junção entre teoria e prática nos permite compreender a realidade e os desafios em que estamos inseridos como profissionais da educação.

Metodologia

Para o desenvolvimento do presente artigo será realizado um estudo de caso, que propiciará observar, identificar os problemas, analisar as evidências, desenvolver argumentos lógicos, durante o processo de alfabetização e letramento dos alunos do projeto de extensão. O método utilizado para essa pesquisa será o qualitativo, visto que, iremos usar dados coletados a partir de eventos reais, com o objetivo de explicar, explorar e descrever momentos atuais inseridos em seu próprio contexto, fazendo uso de constantes conversações, já que esse projeto exige também uma visão mais ampla e subjetiva do objeto estudado.

Fundamentos Teóricos

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que foi criada para atender todos os níveis de educação básica, destinada a jovens, adultos e idosos que não concluíram ou não tiveram acesso a educação convencional na idade correta. Essa abordagem busca oferecer oportunidades de aprendizagem a indivíduos que desejam concluir sua formação básica, desenvolver habilidades e competências necessárias para sua vida pessoal, profissional e cidadã.

Como Paulo Freire aponta em seus escritos, "A educação emancipatória é aquela que promove a conscientização, a autonomia e a capacidade crítica dos indivíduos" (Freire, 1996). Essa modalidade não se limita à escolarização básica, mas também envolve o conceito de aprendizagem ao longo da vida. A ideia é que a educação seja contínua e abra diversas áreas do conhecimento, permitindo que os adultos se atualizem, desenvolvam novas habilidades e se adaptem às mudanças sociais e profissionais. A EJA deve incentivar a autonomia e a busca pelo conhecimento, preparando os alunos para a aprendizagem contínua em diferentes contextos.

Para que a educação seja efetiva ela deve ser contextualizada e significativa para os alunos. Isso significa que os conteúdos e as práticas educativas devem estar relacionados com a realidade dos estudantes, considerando suas experiências de vida,

desafios sociais, culturais e psicológicos. Ao estabelecer essa conexão com o contexto, a EJA se torna mais relevante e estimula o interesse dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo.

O ensino de jovens e adultos lida com uma grande diversidade de estudantes, com diferentes culturas, experiências, níveis de escolaridade e necessidades educacionais. É fundamental reconhecer e aceitar essa diversidade, promovendo uma educação inclusiva e que valorize o potencial de cada indivíduo. A perspectiva intercultural e a pedagogia da diversidade são fundamentais nesse sentido, garantindo a equidade e o respeito às diferenças. Sendo assim, o papel do professor é essencial para que o aluno perceba que faz parte daquele lugar e que é direito dele frequentar e aprender naquele ambiente. Segundo (Freire, 2002, p. 58) a relação professor-aluno deve ser:

“Para ser um ato de conhecimento, o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.”

A didática utilizada em sala deve adotar metodologias ativas, que estimulem a participação e a construção do conhecimento pelos alunos. O ensino tradicional centrado no professor é substituído por abordagens que promovem a interação, o diálogo, a reflexão e a aplicação prática do conhecimento. A aprendizagem colaborativa, projetos de investigação, estudos de caso e outras estratégias pedagógicas engajadoras são exemplos de metodologias que podem ser aplicadas na EJA.

De acordo com a teoria da aprendizagem significativa, proposta por David Ausubel, defende que a aprendizagem é mais eficaz quando os novos conhecimentos estão relacionados de forma relevante e significativa com os conhecimentos prévios dos

alunos. Assim, na educação de jovens e adultos, é importante estabelecer conexões entre os conteúdos abordados e a experiência de vida dos estudantes, a fim de tornar a aprendizagem mais significativa e aplicável.

Proposta pelo educador Paulo Freire, a pedagogia da emancipação tem como base a ideia de que a educação deve ser libertadora e promover a conscientização e a transformação social. Freire defende a importância do diálogo entre educador e educando, enfatizando a valorização dos saberes prévios dos alunos e a construção coletiva do conhecimento. Ou seja, "Educação emancipatória é aquela que busca a superação das desigualdades sociais, a transformação das relações de poder e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária."

Resultados e discussão

Levando em consideração todos os aspectos e pontos já citados anteriormente ao longo do artigo e sabendo da grande responsabilidade que é atuar na educação de jovens e adultos, o trabalho com os participantes do curso de extensão foi pensado sobretudo para atender a particularidade de cada aluno. O primeiro contato com os integrantes da EJA foi justamente para avaliar os gostos pessoais de cada um para que dessa forma o aprendizado pudesse se tornar mais próximo, outro fator recolhido neste primeiro contato foi a escuta do que os alunos desejam, quais suas metas e sonhos, o que ser alfabetizado irá trazer de bom para sua vida. Ao longo de todo o mês observado no projeto, notamos que adaptar às atividades para cada um e separá-los na hora de realizar as propostas seria a melhor opção, levando em consideração que os alunos se encontravam em níveis diferentes de leitura e escrita, dessa forma o estímulo na execução das atividades era diversificado e a insegurança por parte do aluno diminuía significativamente.

Segundo Paulo Freire "não há saber mais ou menos; há saberes diferentes" (Freire, 2013, p. 49). Desta forma, durante a nossa prática buscamos justamente passar essa ideia central do pensamento Freiriano, para que fosse gerado um sentimento de pertencimento nos alunos e eles pudessem acreditar neles mesmos. Ao longo do processo, presenciamos realmente esta evolução pessoal de acreditar em si próprio, de autoconhecimento e valorização, tal perspectiva gerou entre os alunos e entre nós, extensionistas, o desejo de alcançar ainda mais evoluções ao longo do caminho. O afeto e os laços criados oportunizaram um aprendizado voltado para as necessidades de cada

aluno, conhecer as individualidades fez e faz total diferença no processo de aprendizagem humanizado onde os limites de cada um foram respeitados.

Para analisar de forma mais detalhada os níveis de cada aluno como também a evolução na leitura e escrita, nos apropriamos do método de Emília Ferreira, que é composto por 6 níveis. No nível pré-silábico 1 (traços/antes das sílabas) o aluno pode utilizar traços, rabiscos, desenhos, linhas e formas semelhantes em letra cursiva de forma aleatória, não havendo ligação com a grafia ou fonema. Geralmente, este estágio é chamado de garatuja, pois é quando o aluno compreende a função social das letras e relaciona com a escrita. Por isso, os estudantes podem relacionar o número de letras ao tamanho do objeto ou animal que elas escreveram. Por sua vez, no nível pré-silábico 2 o aluno utiliza o mínimo de letras para escrever. Além disso, os caracteres se apresentam de forma organizada. Nesse nível os caracteres se parecem mais com letras. Outra característica é que as letras são escritas junto com os números. Sendo assim, o aluno também pode utilizar as letras que compõem o seu nome, pois na maioria das vezes eles têm contato frequente com aquilo que o identifica como cidadão, a escrita com letras maiúsculas prevalece. Já no nível silábico 1 (sem valor sonoro) o aluno percebe que a escrita das palavras tem ligação com as emissões sonoras que produz. Nesse caso, a cada sílaba o aluno atribui a uma letra. A partir disso, é possível identificar em qual nível o aluno está. Se na escrita os alunos utilizam letras que não tem relação com a palavra, então eles estão no nível silábico sem valor sonoro. O quarto nível denominado como nível silábico 2 (com valor sonoro) acontece quando o aluno utiliza letras que têm relação com a palavra. É importante que nesse estágio o docente observe qual é o repertório do aluno, caso ele utilize apenas as vogais na escrita das palavras dizemos que está no nível silábico com valor em vogais. No quinto nível, conhecido como nível silábico-alfabético (transição), ocorre a transição do nível silábico para o alfabético. O nível silábico alfabético é a fonetização da escrita. Tem início quando o aluno percebe que existe uma relação entre o que se fala e o que se escreve. Nesse estágio o aluno escreve as palavras utilizando em algumas sílabas apenas uma letra para corresponder e em outros casos a sílaba inteira. Já no último intitulado como nível alfabético, o aluno se apropria do processo de escrita e já compreende a relação das emissões sonoras com as letras para representá-las através da escrita. Depois que o aluno alcançar esse nível os desafios enfrentados serão com a ortografia.

Diante do exposto, constatamos que o *aluno 1* iniciou o processo de alfabetização no nível silábico-alfabético e durante esses seis meses de aprendizados

pode avançar para alfabético; já o *aluno 2* iniciou com o nível silábico com valor sonoro e avançou para o silábico-alfabético; os *alunos 3 e 4* iniciaram no nível pré-silábico 2, entretanto avançaram em níveis distintos, sendo assim, o *aluno 3* chegou ao nível silábico com valor sonoro e o *aluno 4* ao nível silábico sem valor sonoro.

Além de analisar o desenvolvimento de leitura e escrita desses alunos, tivemos a oportunidade de escutar e conversar com eles sobre suas trajetórias de vida, a realidade atual em que os mesmos estão inseridos, suas inseguranças e seus desejos em relação a esse processo de alfabetização e letramento. Nesse sentido, vamos destacar e refletir sobre algumas das falas desses alunos que marcaram o desenvolvimento desse projeto:

Aluno 1:

- “Apesar de reconhecer os números e valores, sempre tive dificuldade e vergonha em sacar dinheiro em banco, por não saber ler.”

Essa fala do aluno 1, reflete em um preconceito significativo que ocorre constantemente: o etarismo, pois mais da metade das pessoas analfabetas tem 60 anos ou mais, correspondendo a uma média de seis milhões de idosos que não sabem ler e nem escrever, e isso se dá por que devido ao preconceito, durante muito tempo as pessoas de mais idade foram excluídas do projeto educacional, uma vez que não interessavam mais ao processo produtivo, nesse sentido, devido à forte discriminação muitos têm vergonha de não saber ler e escrever, mas também, muitas vezes, sentem que já passaram da idade de aprender, e não recebem estímulos e assistência necessária para que regressem às escolas.

Aluno 2:

- “Sempre tive muita vontade de aprender a ler e escrever, só que meu pai achava uma perda de tempo, porque ele nunca teve estudo e conseguia trabalhar, então ele me tirou da escola e me levou pra trabalhar com ele.”

Sabemos que até os anos 2000, o índice de crianças que abandonaram seus estudos para trabalhar e ajudar em casa era uma realidade grande e que impactava as classes mais inferiores da nossa sociedade. O Aluno 2, não escapou dessa estimativa, teve que estudar até o 5º ano, pois seu pai não via mais sentido na continuidade dos estudos. Um pensamento arcaico que acabou acarretando no nosso aluno um atraso

social, que hoje aos poucos tenta reverter, com determinação e foco.

Aluno 3:

- “Se eu tivesse estudado, não passaria por tanta humilhação, mas com a ajuda de vocês eu vou conseguir chegar lá.”

Esta fala do aluno 3 infelizmente reflete a situação que grande parte do número de analfabetos que o País possui sofre, estes indivíduos necessitam de grande ajuda para ter como realizar atividades mínimas de como comprar itens no mercado, nossa sociedade que cada mais se torna individualista acaba por ajudar de uma forma bruta e mau humorada. A confiança deste aluno e a esperança de conseguir realizar tais atividades nos deram ao longo do projeto ainda mais vontade de tornar estes sonhos possíveis.

Aluno 4:

- “De pouquinho em pouquinho vou aprendendo, o que importa é não desistir.”

Esta fala do aluno 4 retrata justamente o trabalho que foi feito para entender que os erros fazem parte do processo, eles podem chegar onde desejarem, basta querer. A força de vontade e o interesse pelo aprendizado são peças fundamentais para uma verdadeira evolução que não se dá de forma automática e sim por etapas.

Conclusão

Contudo, a educação de jovens e adultos desempenha um papel essencial na construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Ao oferecer oportunidades de aprendizado a indivíduos que não puderam completar sua educação formal na idade adequada, a EJA permite que essas pessoas desenvolvam habilidades e conhecimentos essenciais para seu crescimento pessoal e profissional.

Uma conclusão significativa é que a educação de jovens e adultos não proporciona apenas uma segunda chance aos estudantes, mas também contribui para reduzir a desigualdade social e promover a cidadania ativa. Ao capacitar os alunos com habilidades acadêmicas, técnicas e sociais, a EJA os prepara para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e melhorar suas condições de vida.

Além disso, a educação de jovens e adultos tem o potencial de romper o ciclo de pobreza e exclusão social. Ao investir em programas de EJA e garantir acesso equitativo a esses serviços educacionais, os governos e as instituições podem abrir portas para a transformação social e econômica.

Diante do exposto, com esse projeto conseguimos lutar mesmo que de forma modesta contra um sistema que oprime e exclui essas pessoas que não possuem um domínio completo da língua e escrita formal brasileira, dando assim a essas pessoas uma nova oportunidade de se expressar no contexto e realidade que estão inseridos.

Referências

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.